



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 20/02/2015 a 26/02/2015

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Fabiani Schemmer²
Andressa Schiavo³

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, graduada em economia pela UFSM, especialista em controladoria e gestão empresarial pela UNIJUI.

³ Estudante do Curso de Economia da UNIJUI – Bolsista PET – Economia.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO DE SOJA (US\$/bushel)	FARELO DE SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO DE SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
20/02/2015	9,99	347,50	31,48	5,10	3,85
23/02/2015	9,99	348,30	31,14	5,05	3,78
24/02/2015	10,16	356,90	31,42	5,05	3,77
25/02/2015	10,07	350,50	31,71	4,97	3,75
26/02/2015	10,24	354,60	31,84	5,03	3,80
Média	10,09	351,56	31,52	5,04	3,79

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	63,95	1,71
RS - Santa Rosa	63,75	2,20
RS - Ijuí	64,75	2,17
PR - Cascavel	60,95	2,33
MT - Rondonópolis	56,35	1,17
MS - Ponta Porá	56,95	1,47
GO - Rio Verde (CIF)	59,90	1,96
BA - Barreiras (CIF)	59,20	-0,50
MILHO		
Argentina (FOB)**	177,60	-1,88
Paraguai (FOB)**	136,50	0,00
Paraguai (CIF)**	169,50	0,52
RS - Erechim	25,95	2,52
SC - Chapecó	27,35	2,24
PR - Cascavel	24,95	2,62
PR - Maringá	24,65	1,39
MT - Rondonópolis	19,50	1,30
MS - Dourados	21,85	3,13
SP - Mogiana	25,95	1,52
SP - Campinas (CIF)	29,75	3,12
GO - Goiânia	26,40	1,05
MG - Uberlândia	27,85	7,12
TRIGO		
RS - Carazinho	525,00	-0,71
RS - Santa Rosa	525,00	-0,94
PR - Maringá	600,00	0,00
PR - Cascavel	570,00	0,00

*Período entre 20/02/2015 a 26/02/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 26/02/2015**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,29	57,81	25,71

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
26/02/2015**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	36,63
Feijão (saco 60 Kg)	128,33
Sorgo (saco 60 Kg)	20,15
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,39
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,78
Boi gordo (Kg vivo)*	4,87

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

Apesar das oscilações normais, a última semana continuou com um bushel de soja acima de US\$ 10,00 na média. O fechamento da quinta-feira (26) ficou em US\$ 10,24 para o primeiro mês cotado. Essa cotação não era alcançada desde o dia 09 de janeiro de 2015.

Dois principais fatores estiveram presentes para esse comportamento: 1) surpreendendo o mercado, o USDA, em seu tradicional Fórum Outlook de fevereiro, informou que a área de soja a ser semeada nos EUA será menor do que a deste ano que passou. O Departamento avança uma projeção de 33,79 milhões de hectares, contra o recorde de 33,87 milhões no ano passado, ou seja, um recuo de apenas 0,24%. Com isso o Fórum do USDA indica uma colheita futura de 103,4 milhões de toneladas, contra as 108 milhões recentemente colhidas; 2) a greve dos caminhoneiros no Brasil estaria interrompendo a colheita em nosso país, assim como o fluxo de soja para os portos nacionais, levando o mercado a demandar mais soja dos EUA.

Todavia, vale destacar a respeito que o Fórum não é um número definitivo e sim apenas uma prévia. A área efetivamente que se leva em conta sai apenas no dia 31/03, quando haverá o relatório de intenção de plantio dos produtores estadunidenses. Por sua vez, o mercado já contabilizou que o recuo previsto é muito pequeno e, se o clima deixar, haverá novamente uma grande safra nos EUA neste ano de 2015. Tanto é verdade que o próprio Fórum indicou um preço médio, para o produtor dos EUA, em recuo dos atuais US\$ 10,20 (ano 2014/15) para US\$ 9,00/bushel (ano 2015/16). Isso porque os estoques finais estadunidenses deverão crescer para 11,7 milhões de toneladas em 2015/16, contra os atuais 10,5 milhões. Isso tudo, mesmo com exportações e esmagamento de soja norte-americanos um pouco mais elevados do que os registrados no corrente ano comercial 2014/15.

Por outro lado, os caminhoneiros, embora continuem com protestos em diferentes praças brasileiras, já começaram a negociar com o governo federal, havendo certa desmobilização neste final de semana em razão das propostas feitas pelo governo. Tudo indica que o protesto possa terminar já para o início de março (próxima semana), apesar do engajamento dos produtores rurais ao mesmo nos últimos dias.

Além disso, o cenário fundamental de longo prazo, com a colheita da América do Sul avançando e o clima, agora correspondendo, indica uma grande oferta mundial de soja, com estoques em alta.

Dito isso, nos EUA as inspeções de exportação estadunidense de soja alcançaram a 961.749 toneladas na semana encerrada em 19/02. No acumulado do ano comercial, o volume chega a 41,2 milhões de toneladas, contra 35,9 milhões em igual período do ano anterior.

Por sua vez, para março, os prêmios nos portos brasileiros continuaram recuando, registrando valores entre 54 e 86 centavos de dólar por bushel, mesmo com a paralisação dos caminhoneiros. Nos EUA, o Golfo do México registrou valores entre 69 e 71 centavos, enquanto em Rosário (Argentina) o prêmio ficou entre 24 e 76 centavos de dólar por bushel.

Aqui no Brasil, graças a um câmbio que se manteve oscilando entre R\$ 2,83 e R\$ 2,88 por dólar, e mais o movimento dos caminhoneiros, o preço da soja subiu mais um pouco na média. Ajudou igualmente a melhor performance de Chicago, embora a mesma tenda a ser momentânea. Assim, a média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 57,81/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 62,00 e R\$ 63,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes giraram entre R\$ 51,00/saco em Sapezal (MT) e R\$ 61,00/saco no centro-norte do Paraná e região de Campos Novos em Santa Catarina.

No ano passado, nesta mesma época, a média gaúcha de balcão era de R\$ 64,85/saco, enquanto os lotes registravam valores médios de R\$ 71,00 a R\$ 72,00/saco. Ou seja, comparando a atualidade com o ano anterior, há uma perda de R\$ 10,00/saco nos lotes e de R\$ 7,00/saco no balcão. Nas demais praças nacionais o quadro não é diferente. No final de fevereiro de 2014, em Sapezal (MT), o lote era negociado na média de R\$ 54,50 (mais R\$ 3,50 sobre o atual valor) e no centro-norte do Paraná em R\$ 68,30/saco (R\$ 7,30/saco a mais do que atualmente). Na verdade, o preço só não está mais baixo no Centro-Oeste porque houve quebra de safra neste ano devido a problemas climáticos.

Por outro lado, sempre é importante destacar que o atual preço da soja no Brasil está sustentado pelo câmbio, já que Chicago cedeu muito desde julho de 2014, perdendo cerca de US\$ 4,00 a US\$ 4,50/bushel até este final de fevereiro de 2015. Tanto é verdade que, se o câmbio brasileiro tivesse permanecido em R\$ 2,25, como esteve até setembro/outubro passado, o saco de soja no balcão gaúcho, hoje, estaria em R\$ 45,64/saco, ou seja, menos R\$ 12,17/saco em relação ao atual preço médio de balcão. Caso o câmbio ficasse nos R\$ 2,50 por dólar como estava no final do ano passado, o balcão gaúcho, nas condições de soja (Chicago, prêmio, custos de comercialização e margens) ficaria ao redor de R\$ 50,71/saco, ou seja, menos R\$ 7,10/saco em relação a média atual. Nestes dois últimos casos cambiais, a diferença a menos que o produtor gaúcho estaria recebendo, em relação ao mesmo período de 2014, seria de R\$ 19,21 e R\$ 14,14/saco respectivamente. Tal raciocínio, guardadas as diferenças de preços regionais, serve para todo o Brasil

Assim, o câmbio está salvando o atual preço da soja no Brasil. Porém, se agora haverá ganhos maiores do que o esperado, já que boa parte dos custos de produção foram feitos a um câmbio ao redor de R\$ 2,25, também é verdade que a permanência de tal câmbio vem elevando os futuros custos de produção, colocando em xeque a próxima lavoura de inverno e, sobretudo, a próxima safra de verão. Isso porque a mesma deverá ser feita com custos muito elevados sem espaço, em princípio, para novas desvalorizações cambiais (desde que a economia nacional se ajuste), ao mesmo tempo em que se espera um novo recuo médio no bushel de soja em Chicago, embora de bem menor expressão do que o ocorrido nestes últimos sete meses.

Enfim, a colheita da soja no Brasil está atrasada em algumas regiões do país. No Mato Grosso do Sul, por exemplo, a área colhida chegava a 44,5% em meados de fevereiro, contra 70% no ano passado (cf. AprosojaMS). No Brasil, a área colhida neste final de fevereiro chegava a 21% do total esperado. (cf. Safras & Mercado) No Centro-Oeste já estaria faltando óleo diesel para a continuidade da colheita, especialmente ao norte do Mato Grosso.

Quanto a comercialização antecipada da atual safra de soja, em meados de fevereiro o Brasil registrava que 38% da safra estaria vendida, contra a média histórica de 54% nesta época do ano. No Mato Grosso 55% da atual safra haviam sido negociados, contra 69% na média histórica e 73% no ano passado. Em Goiás, 45% tinham sido negociados, contra 65% na média histórica e 70% no ano passado. No Paraná, 23% da safra haviam sido negociados, contra 41% na média e 43% no ano passado. Enfim, no Rio Grande do Sul 18% haviam sido negociados, contra 31% na média e 32% no ano passado. (cf. Safras & Mercado) Ou seja, os produtores, diante do movimento cambial, estão esperando que os preços subam ainda mais. Uma aposta muito arriscada se considerarmos que o Real já se desvalorizou acima do que a paridade de poder de compra indica, considerando o período de janeiro/1999 a fevereiro/2015.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 30/01 a 26/02/2015.

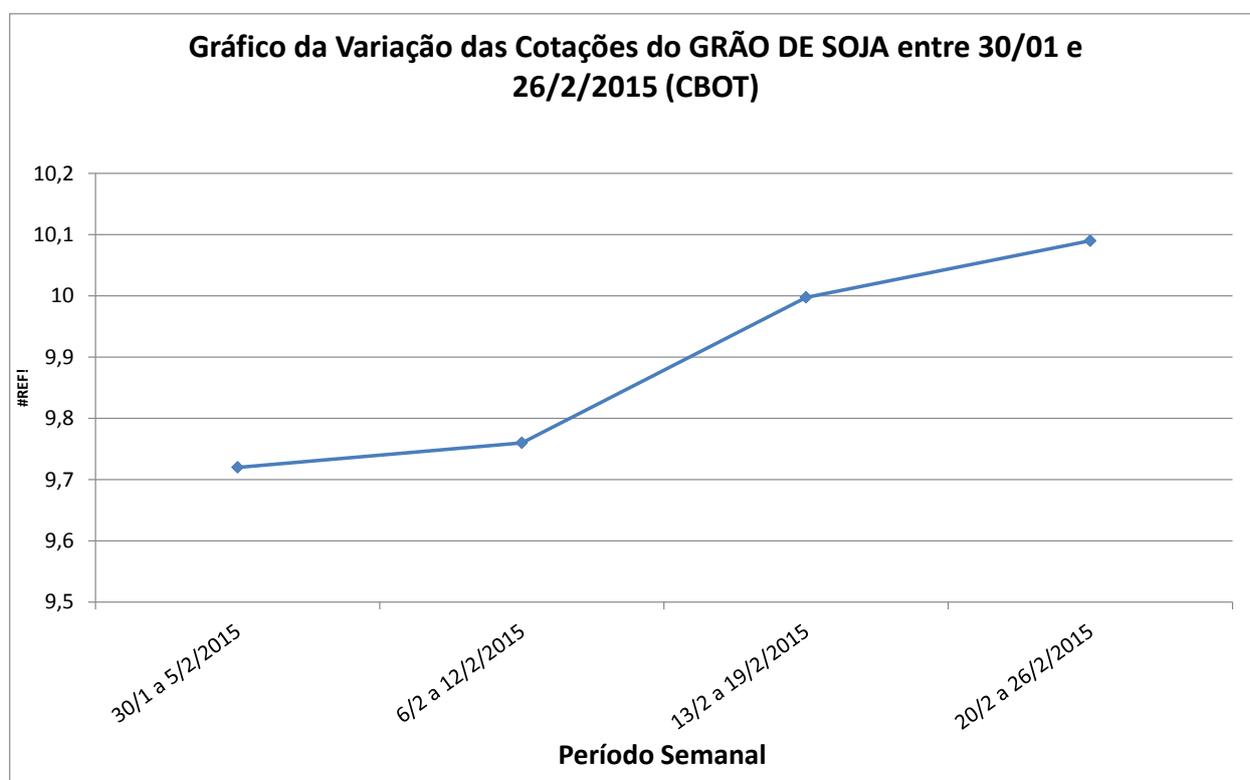


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 30/01 e 26/2/2015 (CBOT)

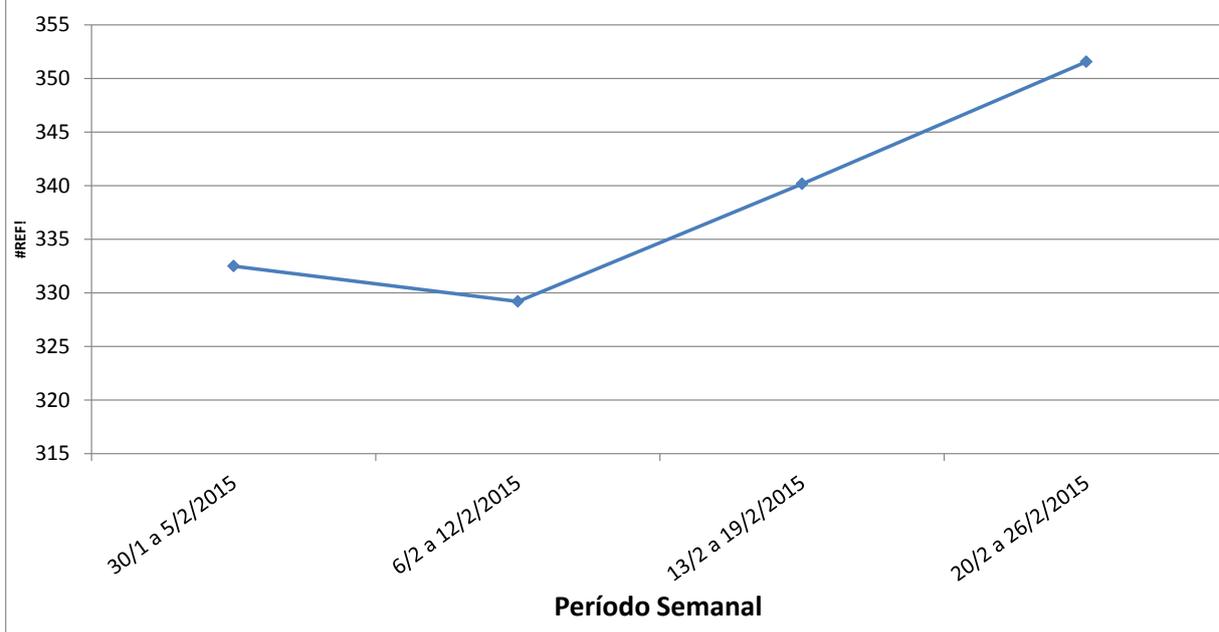
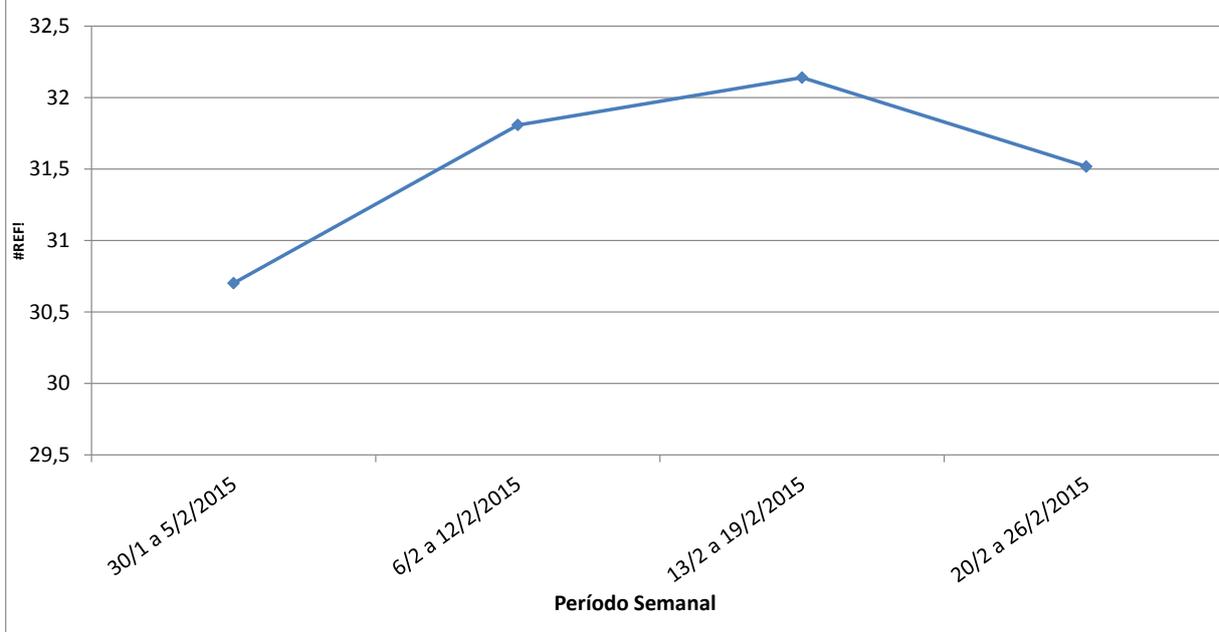


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 30/01 e 26/2/2015 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, mais uma vez, perderam força em Chicago, não acompanhando o movimento da soja. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (26) em US\$ 3,80, após US\$ 3,75 na véspera. Uma semana antes o mesmo estava em US\$ 3,89.

Por enquanto, o milho não encontra apoio fundamental para uma recuperação de preços em Chicago. A relação de preços entre a soja e o milho, nos EUA, continua favorável à oleaginosa, indicando um aumento de área desta em detrimento ao milho. Por isso, surpreendeu ao mercado o anúncio, no Fórum Outlook do USDA, em meados de fevereiro, de que a área de soja poderá diminuir um pouco (0,24%). Analistas internacionais alertam que geralmente a intenção de plantio, indicada no final de março, é diferente destes números e é esta que vale. Tanto é verdade que em 2014 esta intenção, para a soja, superou em 1,62 milhão de hectares a área a ser semeada com soja em relação ao indicado pelo Fórum. Seguindo esse raciocínio, a área a ser semeada com soja nos EUA neste ano 2015 poderia alcançar 35,4 milhões de hectares, ou seja, 1,53 milhão de hectares acima do recorde efetivamente semeado no ano passado naquele país. Ora, isso em clima normal gerará um novo recorde de produção, forçando novas baixas nas cotações futuras da soja. Em assim ocorrendo, a área de milho poderá acabar registrando uma nova redução, fato que puxaria um pouco para cima suas cotações em Chicago. Portanto, o relatório de intenção de plantio previsto para o dia 31/03 será decisivo para definir os rumos do mercado.

Paralelamente, o mercado acompanha a colheita na América do Sul, enquanto as exportações dos EUA, na semana anterior, registraram um número positivo de 901.000 toneladas.

Outro elemento que tem impedido novas altas nas commodities é que o dólar, na média, se mantém forte no cenário internacional.

Enfim, alguns meteorologistas estadunidenses dão conta de que há possibilidade de a primavera nos EUA ser úmida, devido ao rigoroso inverno, fato que atrasaria o plantio do milho em algumas regiões, levando a um maior plantio de soja naquele país. (cf. Safras & Mercado)

Enquanto isso, a tonelada FOB na Argentina voltou a recuar, ficando em US\$ 173,00, enquanto no Paraguai a mesma se manteve em US\$ 136,50.

Aqui no Brasil, os preços pouco se alteraram. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 23,29/saco, enquanto os lotes permaneceram entre R\$ 25,00 e R\$ 26,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes registraram R\$ 16,00/saco em Sapezal (MT) e regiões vizinhas, e R\$ 27,50/saco em Videira (SC).

A desvalorização do Real, que mantém nossa moeda entre R\$ 2,83 e R\$ 2,87 tem sustentado os preços relativos do milho. No final da semana anterior o referencial Campinas (SP) atingiu a R\$ 30,00/saco CIF. Além disso, o encarecimento do frete nacional, agora ainda mais complicado em função do movimento dos caminhoneiros, é

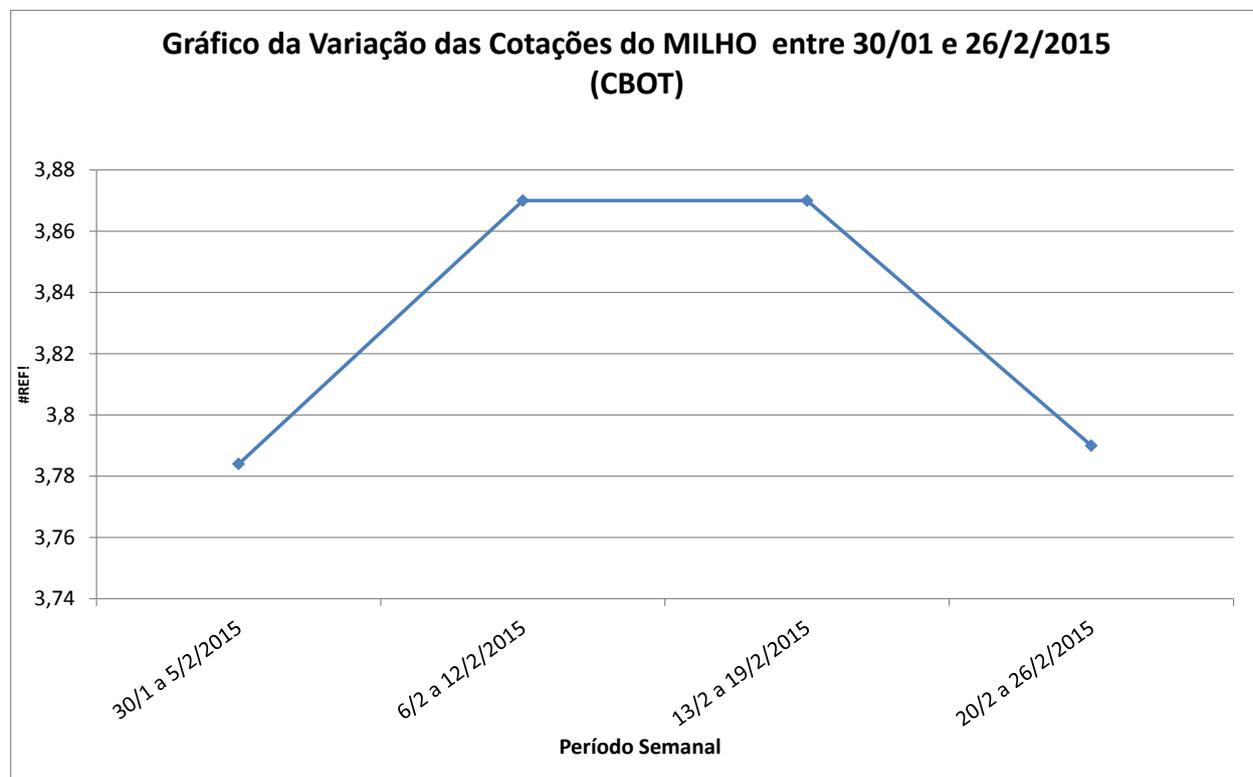
um fator decisivo para a formação dos preços do milho nesse momento. (cf. Safras & Mercado)

Por enquanto, o mercado paulista, por exemplo, se mantém firme, sendo que na BM&F a posição maio começa a se tornar referência. Ajuda ainda a manter os preços do milho nestes atuais patamares o fato de que a atenção de colheita e logística está voltada, agora, para a soja. Quanto ao plantio da safrinha, há paralisação em algumas regiões do país, enquanto em outras se registra uma situação mais avançada de semeadura. Isso coloca a média de plantio da mesma dentro da normalidade neste final de fevereiro.

Enfim, os embarques de milho em fevereiro, por parte do Brasil, somavam 945.200 toneladas no final da terceira semana. Lembramos que o Brasil precisará exportar, no ano comercial 2015/16 (fevereiro-janeiro), mais uma vez cerca de 20 milhões de toneladas do cereal para desovar estoques e, com isso, propiciar alguma reação de preços internos.

A semana terminou com a importação, no CIF indústrias brasileiras, valendo, para fevereiro, R\$ 40,27/saco para o produto dos EUA e R\$ 38,23/saco para o produto oriundo da Argentina. Para março, o produto argentino ficou em R\$ 39,43/saco. Já na exportação, o transferido via Paranaguá, registrou os seguintes valores: R\$ 29,21/saco para fevereiro; R\$ 28,73 para março; R\$ 28,52 para abril; R\$ 29,02 para maio; R\$ 29,51 para julho; R\$ 29,47 para agosto e setembro; e R\$ 30,16/saco para novembro. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 30/01 a 26/02/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago voltaram a flertar com valores abaixo de US\$ 5,00/bushel nesta semana. O fechamento do dia 25/02 ficou em US\$ 4,97, enquanto a quinta-feira (26) fechou em US\$ 5,03. Valores abaixo do piso de US\$ 5,00/bushel, de forma persistente, não são registrados desde o dia 10 de outubro passado (antes do dia 25, apenas no dia 02 deste mês de fevereiro o fechamento bateu abaixo dos US\$ 5,00/bushel, mais precisamente em US\$ 4,92).

Essa redução nos preços internacionais se deve a grande oferta de produto disponível no mundo em geral e nos EUA. Nesse último caso, inclusive, segundo o Fórum Outlook do USDA, a área a ser semeada neste ano, mesmo em recuo de 2,3% sobre o ano anterior, ficando em 22,46 milhões de hectares, o volume a ser colhido, em clima normal, é projetado em 57,8 milhões de toneladas, ou seja, 4,9% acima do registrado em 2014. Com isso, os estoques finais aumentariam 10,3%, chegando a 20,8 milhões de toneladas nos EUA no final do ano comercial 2015/16.

Como nas demais commodities, a alta do dólar diante das demais moedas mundiais também ajuda a baixar os preços em dólares das mesmas.

Além disso, outros tradicionais exportadores de trigo estão bastante agressivos no mercado. A Rússia, por exemplo, neste ano comercial 2014/15, iniciado em 1º de julho, informou que exportou 23,9 milhões de toneladas de cereais até o dia 18/02, ou seja, 31% a mais do que no mesmo período do ano anterior. Deste total exportado, 18,7 milhões de toneladas são de trigo.

Enquanto isso, nos EUA as vendas líquidas de trigo, referentes ao ano 2014/15, atingiram a 266.600 toneladas na semana encerrada em 12/06. Tal volume é 41% abaixo da média das quatro semanas imediatamente anteriores. Para o ano 2015/16 foram exportadas 38.800 toneladas. Já as inspeções de exportação de trigo, na semana encerrada em 19/02, somaram 501.548 toneladas. No acumulado do ano comercial iniciado em 1º de junho, o total inspecionado em 2014/15 é de 16,5 milhões de toneladas, contra 23,3 milhões de toneladas no mesmo período do ano anterior. Isso representa um recuo de 29,2%.

Pelo lado da demanda mundial de trigo, o Egito, principal importador internacional, informou que adquiriu 290.000 toneladas de trigo dos EUA, pagando um preço médio de US\$ 273,00/tonelada. A título de comparação, esse preço, ao câmbio brasileiro de hoje, representa R\$ 783,51/tonelada, ou seja, R\$ 47,00/saco posto nos moinhos egípcios. Por sua vez, o Egito igualmente comprou 240.000 toneladas de trigo da França e Romênia, ao valor médio de US\$ 240,25/tonelada, já incluindo custos e frete. Isso equivale a R\$ 689,52/tonelada ou R\$ 41,37/saco.

Aqui no Mercosul, os portos argentinos trabalham com valores entre US\$ 230,00 e US\$ 251,00/tonelada para o trigo da safra nova. A esse preço, o produto argentino chega posto nos moinhos paulistas a R\$ 916,00/tonelada ou R\$ 54,96/saco. Com isso, a paridade de importação no interior do Paraná fica em R\$ 810,00/tonelada e no interior do Rio Grande do Sul a R\$ 761,00/tonelada.

Já no mercado brasileiro, os preços se mostram estagnados. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 25,71/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 510,00/tonelada ou R\$ 30,60/saco para o produto de qualidade superior. Os mesmos lotes, no Paraná, permaneceram entre R\$ 560,00 e R\$ 590,00/tonelada, ou seja, entre R\$ 33,60 e R\$ 35,40/saco.

Apesar de estarmos em entressafra e a tendência indicar preços mais altos, o fato de os moinhos nacionais estarem abastecidos, somado a queda nas cotações internacionais (que anulam parcialmente a desvalorização do Real), não permite aumentos nos preços do trigo brasileiro. Aliás, consta que os moinhos somente voltariam às compras por volta de maio. Assim, uma recuperação nos preços do trigo fica retardada, se de fato vier, em quase três meses. E assim mesmo irá depender muito dos preços mundiais, do comportamento cambial e dos estoques no Mercosul, os quais seriam relativamente baixos na ocasião.

Pelo sim ou pelo não, os atuais preços médios praticados no Paraná e no Rio Grande do Sul, para os lotes, indicam um recuo respectivo de 26% e de 15% em relação ao mesmo período do ano passado. (cf. Safras & Mercado)

No Rio Grande do Sul, onde a safra foi péssima no último ano, com uma colheita de apenas 1,51 milhão de toneladas, sendo mais da metade de produto de qualidade inferior, a situação só não é pior porque o Estado está conseguindo exportar o produto ruim para países da África, para o Vietnã e a Indonésia. Cerca de 700.000 toneladas já teriam sido exportadas, havendo ainda outras 300.000 em processo de negociação (cf. Farsul).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 30/01 a 26/02/2015.

